

RECOMENDAÇÕES ATUAIS DE COMBATE ÀS SAÚVAS (*)

FRANCISCO A. M. MARICONI

Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"
Universidade de S. Paulo — Piracicaba

ELPÍDIO AMANTE

Instituto Biológico — S. Paulo

As saúvas são, possivelmente, os insetos mais nocivos à agricultura brasileira. Sua ação nefasta é bastante conhecida dos agricultores e de muitos habitantes das cidades.

Muito tem sido escrito sobre as saúvas, inclusive os métodos de combate e os formicidas.

Vários são os formicidas aconselhados contra as saúvas, mas as recomendações de uso não fazem distinção de época do ano, espécie de saúva a ser combatida e vários outros fatores. Presentemente, organizamos um "calendário" de aplicação dos saúvicidas, baseado nesses fatores que alteram a eficácia dos produtos recomendados.

Este trabalho resulta de numerosas experiências, realizadas durante vários anos, com diferentes formicidas, diversas concentrações, variáveis compassos de aplicação, etc.

Antes de entrarmos no mérito da questão vejamos, resumidamente, as saúvas encontradas no Estado de São Paulo.

SAÚVAS DE S. PAULO

"Saúva mata pasto" *Atta bisphaerica* Forel. Corta capins, arroz, milho, cana-de-açúcar e outras gramíneas. É a espécie mais fácil de se combater, pois as colônias geralmente não se aprofundam demais no solo.

"Saúva de vidro" ou "cabeça de vidro" *Atta laevigata* (F.

* Conclusões de trabalhos realizados com o auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Smith). Corta numerosas plantas (dicotiledôneas e gramíneas). Seus ninhos são combatidos com mais dificuldade que os da espécie anterior, pois, com frequência, aprofundam-se bastante na terra, principalmente em solos muito arenosos.

“Saúva comum” ou “saúva limão” *Atta sexdens rubropilosa* Forel. É a mais importante. Depreda numerosas plantas, especialmente dicotiledôneas. Seus nomes populares advêm do fato de ser a espécie mais frequente e do forte odor cítrico que exalam os soldados, quando são esmagadas suas cabeças. Seus ninhos são mais difíceis de serem combatidos que os das duas espécies anteriores (podem atingir vários metros de profundidade).

“Saúva limão sulina” *Atta sexdens piriventris* Santschi. Espécie pouco conhecida em nosso Estado, visto que foi assinalada, até o momento, somente em quatro municípios.

“Saúva parda” *Atta capiguara* Gonçalves. Corta gramíneas (capins e cana-de-açúcar). O combate a esta saúva é difícil, visto que a região das panelas localiza-se quase totalmente fora da projeção da terra solta.

FORMICIDAS

Vejamos, em primeiro lugar, a lista dos principais formicidas e, aproveitando a ocasião, apresentar as dosagens de cada um e o compasso máximo de aplicação contra os sauveiros de *A. sexdens rubropilosa* (saúva comum).

1) Combate à “saúva comum” em época propícia

Formicidas	Dosagem por m ²	Compasso máximo de aplicação
Gases liquefeitos		
Brometo de metila	4cm ³	5m ²
“MM 33”	12cm ³	5m ²
Bissulfeto de carbono	75cm ³	5m ²
Pós		
Aldrim a 5%	30g	3m ²
“F 214”	30g	3m ²
Clordane a 10%	30g	3m ²
Heptacloro a 5%	30g	3m ²
Líquidos		
Aldrim a 40%	5cm ³ + meio litro água	2m ²
Clordane a 75%	10cm ³ + meio litro água	2m ²
Heptacloro a 40%	10cm ³ + meio litro água	3m ²
Iscas granuladas		
Iscas com 2 a 4,4% de aldrim	5g	3m ²

De acôrdo com a lista-tabela acima, um sauveiro cuja região de terra sôlta seja de 10 por 6 metros (60 m²) deve ser combatido por 240 cm³ de brometo de metila, 720 cm³ de "MM 33" ou 4,5 litros de bissulfeto de carbono; há necessidade de 1,8 kg de qualquer pó escolhido ou 300 g de isca, ou ainda 300 cm³ de aldrim a 40%, 600 cm³ de clordane a 75% ou 600 cm³ de heptacloro a 40%.

Ainda com relação ao sauveiro citado (60 m²), são necessários, **no mínimo**, 12 olheiros bem escolhidos, para sofrerem a aplicação de um gás liquefeito; são necessários, **no mínimo**, 20 olheiros se o formicida a ser aplicado é pó, isca granulada ou heptacloro líquido; finalmente, há necessidade, **no mínimo**, de 30 olheiros se o formicida líquido é o aldrim ou clordane.

2) Combate às demais espécies de saúvas

Como já foi dito, há cinco saúvas em São Paulo. A escala crescente de dificuldade de matar as colônias é a seguinte: "saúva mata pasto", "saúva de vidro", "saúva comum" e "saúva parda". Portanto, a primeira é a mais fácil de ser combatida, e a "parda", a mais difícil (desta lista foi eliminada a "saúva limão sulina" por ser ainda muito pouco conhecida em São Paulo).

A lista-tabela indica as dosagens para os formigueiros da "saúva comum", nossa formiga mais importante. Até o momento, aconselhamos as **mesmas dosagens** contra as colônias da "saúva de vidro". Contra os ninhos da "saúva mata pasto" indicamos 20 a 30% **menos formicida** que a indicada contra as duas formigas já citadas; contra a "saúva parda" nada indicamos até o momento, visto que há necessidade de mais estudos.

Quando os formigueiros da "saúva comum" e "saúva de vidro" apresentarem monte de terra sôlta com altura superior a 80 centímetros deve-se aumentar a dosagem indicada; embora não tenhamos ainda dados conclusivos, aconselhamos, 20 a 30% **a mais** que a indicada para os sauveiros com monte de terra normal (não muito elevado).

ÉPOCA DE APLICAÇÃO

Os gases e líquidos devem ser aplicados de **novembro a abril** ou **maio**, quando o solo estiver molhado. Quanto mais sêca estiver a terra, menos eficaz será o formicida; em outras palavras, à medida que o solo vai se tornando mais sêco há necessidade de se aumentar a quantidade de formicida, até

que, num dado instante, a aplicação do tóxico não é econômica. A umidade do solo **não é a da camada superficial** e sim a de meio metro de profundidade (mais ou menos) para o fundo do formigueiro. A introdução inicial de água, antes do gás ou da emulsão inseticida, melhora o combate mas não é suficiente, pois a água desce rapidamente, não havendo tempo para a impregnação das paredes dos canais.

Os pós devem ser aplicados de **abril** ou **maio** (conforme o ano) até **outubro** ou **novembro**, isto é, quando cêrca de 70 cm (terra argilosa) a 150 cm (terra arenosa) estiverem bem secos. No caso da terra estar úmida, o pó permanece quase totalmente aderente às paredes superficiais dos canais; quanto mais úmida estiver a terra menor será a penetração do pó no interior do saueiro. Por ocasião do abaixamento excessivo da temperatura, o combate é, entretanto muito difícil, ainda que o solo esteja bem sêco por motivo das formigas fecharem numerosos canais. O fechamento será mais pronunciado depois de se raspar a terra sôlta da superfície do saueiro, pois o esfriamento interno da colônia será mais pronunciado; por outro lado, a raspagem é obrigatória, pois o pó não pode "varar" muito bem a terra sôlta.

As iscas devem ser aplicadas dentro dos olheiros, de **maio** a **outubro** ou **novembro**, quando cêrca de 25 a 40 centímetros superficiais do solo estiverem sêcos, aliás muito bem sêcos; não tem importância que de meio metro para baixo o solo esteja molhado. A obliteração dos canais, por ocasião das ondas de frio, é fator negativo para a eficácia das iscas.

PREPARAÇÃO PRÉVIA DOS SAUEIROS

A preparação prévia dos saueiros (retirada da terra sôlta de volta dos olheiros) influi consideravelmente nos resultados: realizada 24 a 48 horas antes da aplicação do formicida conduz a resultados bem mais animadores. Sem a raspagem, os formicidas são retidos, parcial ou totalmente, pela terra fofa da superfície.

A preparação não deve ser realizada em dias muito frios, pois as formigas fecham numerosos canais.

REPASSE

De um modo geral, as firmas produtoras de formicidas aconselham o repasse 30 a 40 dias após a aplicação do formicida. Segundo nossas observações, o repasse deve ser realizado 80 a 100 dias depois (alguns olheiros vistos em atividade 20 a mais ou menos 70 dias depois da aplicação do sauvicida podem “desaparecer”, devido à morte da içá, por ocasião da aplicação; os olheiros “vivos”, após cêrca de 80 dias indicam que o sauveiro não foi “extinto”).

O combate deve ser feito com capricho para se evitar o repasse (há sauveiros, que ao “escaparem” à ação do formicida ficam “amuados” e, neste caso, o repasse dificilmente poderá “extinguí-los”).

SAUVEIROS “AMUADOS”

As recomendações citadas não se aplicam, em grande parte aos sauveiros “amuados” (formigueiros muito “judiados”), pois torna-se, com frequência, impossível ou muito difícil saber-se onde estão as panelas. Contra êsses sauveiros há necessidade, com frequência, do uso de sondas e de enormes quantidades de formicida.

NOSSOS PRÓXIMOS NÚMEROS

Em nossos próximos fascículos publicaremos, entre outros, os seguintes trabalhos :

Gilberto C. de Batista — Contrôles da lagarta “Elasmo” do amendoim.

J. R. Sarruge & outros — Estudos sobre a alimentação mineral do algodoeiro.

O. Freire & outros — Comparação da eficiência dos tratamentos químicos de dispersão de amostras de solo para análise mecânica.

Luiz Gonzaga E. Lordello — Nota sobre um parasito de nematóide.

A. Cobra Netto & outro — Adubação nitrogenada do milho com amônia anidra.